

religiosidade sem misericórdia

Texto: Lucas 14:1-24

Lucas 14:1-24 se encaixa na seção que é frequentemente chamada de “Jornada para Jerusalém” (Lucas 9:51 até 19:27), cuja narrativa não é linear em termos de localização, mas sim um compilado de ensinamentos e parábolas que Jesus profere ao longo do caminho, preparando seus discípulos e o povo para a natureza do Reino de Deus e para o que está por vir em Jerusalém. Não há um equivalente direto ou tão extenso nos outros evangelhos, o que a torna uma característica distintiva do evangelho de Lucas.

Explicando o Texto Sagrado

1 Certo sábado, Jesus foi comer na casa de um líder fariseu, onde o observavam atentamente.

2 Estava ali um homem com o corpo muito inchado. 3 Jesus perguntou aos fariseus e aos especialistas da lei: “A lei permite ou não curar no sábado?”. 4 Eles nada responderam, e Jesus tocou no homem enfermo, o curou e o mandou embora. 5 Depois, perguntou a eles: “Qual de vocês, se seu filho ou seu boi cair num buraco, não se apressará em tirá-lo de lá, mesmo que seja sábado?”. 6 Mais uma vez, não puderam responder.

Os fariseus eram um influente grupo religioso e político judaico (sua influência sobre o Sinédrio era relevante para a vida pública do povo) que floresceu entre 200 a.C e 100 d.C e se destacavam por sua fervorosa dedicação à Lei de Moisés (Torá) e à uma vasta e detalhada tradição oral (Halacá), que acreditavam ser igualmente divinamente inspirada e aplicável à vida diária de todos os judeus. Eram respeitados pelo povo comum por sua piedade e erudição, e sua teologia incluía crenças na ressurreição dos mortos, na existência de anjos e na providência divina, diferentemente dos saduceus, outro grupo religioso e político da época. Foi talvez o grupo que mais debateu com Jesus, devido a disputas sobre a interpretação da Lei e, por isso, muitas vezes foram confrontados pela hipocrisia de suas falas e atos. Apesar disso, alguns fariseus abraçaram os ensinamentos de Jesus e se tornaram seus seguidores.

Aqui, no entanto, a atitude dos fariseus era de desconfiança. O verbo utilizado para descrever que Jesus era observado por eles (παρτηρέω /parateréō/) significa “observar de perto,” “vigiar atentamente,” “espreitar,” “ficar de olho,” muitas vezes com a conotação de buscar falhas, encontrar motivos para acusar, ou com intenção hostil. Além disso, o uso do tempo verbal (imperfeito, que indica uma ação contínua ou repetida no passado) mostra que eles o estavam observando ou mantinham-no sob observação já há algum tempo.

Essa é uma observação importante para dar o tom da reunião, pois o ato de convidar alguém para comer em sua casa, na cultura do lugar, era algo muito relevante, simbolizando hospitalidade, formação de laços sociais e confiança mútua. O convite do líder fariseu a Jesus parece um gesto de normalidade; no entanto, a descrição de que o

observavam atentamente subverte esse simbolismo, transformando o ato de comunhão em um cenário de escrutínio intencional e hostil, onde buscavam falhas, revelando a tensão entre Jesus e os fariseus. Convidar Jesus para uma refeição no Shabat na casa de um fariseu não parece ser um simples gesto de hospitalidade, principalmente num cenário de intensa vigilância: cada palavra e ação de Jesus seriam examinadas à luz das estritas leis sabáticas dos fariseus, com a intenção clara de encontrar falhas e questionar sua autoridade ou ortodoxia.

Um homem com o corpo muito inchado (hidrópico): Hidropisia é o termo para uma condição médica conhecida como edema ou anasarca (popularmente a “água no corpo” ou “retenção de líquidos”). Caracteriza-se pelo acúmulo excessivo de fluido nos tecidos do corpo, causando inchaço, especialmente nas pernas, abdômen e rosto. Nos tempos bíblicos, era uma doença grave, muitas vezes associada a falhas nos rins, coração ou fígado, o que indicava uma forte possibilidade de morte, pela falta de tratamento eficaz do problema-raiz.

A presença de um homem com hidropisia na casa do fariseu, onde Jesus estava para uma refeição no sábado, é um ponto crucial na narrativa, inserido logo depois de Lucas dizer que eles o estavam observando.

Os fariseus sabiam que Jesus costumava curar, e curar no sábado era considerado por eles uma violação da Lei. A condição grave do homem tornava a situação **uma armadilha previsível**, pois Jesus era notório por sua compaixão e seus feitos miraculosos. Por isso, é possível assumir que o homem tivesse sido “plantado” na refeição para que os fariseus tivessem do que acusar Jesus se ele curasse no sábado. Isso parece ser o caso, porque, depois de curá-lo, Jesus “o mandou embora” (v.4b).

Jesus, como sempre, se adianta e reverte a vantagem pois lhes pergunta sobre ser lícito curar no sábado. O silêncio deles diz muito! Se dissessem sim, a questão do Shabat perderia o sentido; se dissessem que não, a crueldade e a indiferença com a dor do homem ficaria claríssima. O que fazer? “Eles nada responderam” (v.4a), o que levou Jesus à ação: “Jesus tocou no homem enfermo, o curou e o mandou embora” (v.4b).

O verbo utilizado por Lucas expressa silêncio deliberado, cauteloso ou constrangido, uma omissão voluntária por medo de se comprometer. No v.6, novamente os seus inquisidores ficam calados, mas agora o verbo é outro. Eles “não puderam responder”, ou seja, não apenas “ficaram quietos”, mas não tinham base lógica ou moral para refutar Jesus. **O homem religioso cala-se primeiro por conveniência e depois por impotência.** A verdade não apenas cala o oponente, mas vence-o.

O ato de “mandar embora” (no original grego, significa “soltou-o”, “deixou-o ir”, “despediu-o”) imediatamente após a cura, e, provavelmente, *antes* que a refeição propriamente dita pudesse ter começado ou avançado, reforça a ideia de que o homem não fazia parte do grupo de convidados para permanecer ali. Se ele fosse um conviva, sua dispensa imediata seria socialmente muito incomum e desnecessária (o que reforça a ideia de que ele havia sido trazido como “isca”).

A argumentação de Jesus para defender Suas curas no sábado é a compreensão que a compaixão deveria ter precedência sobre interpretações rígidas e muitas vezes desumanas da lei sabática: “Se vocês podem fazer isso pelo seu gado, por que não posso eu fazer por uma pessoa, que é mais valiosa?”. O mesmo argumento foi utilizado para justificar a cura da mulher encurvada (Lc 13:10-17), do homem da mão ressequida (Lc 6:6-11) e quando os discípulos colhem espigas no Sábado (Lucas 6:1-5).

O ORGULHO RELIGIOSO QUE ELES NÃO ENXERGAVAM

7 Quando Jesus observou que os convidados para o jantar procuravam ocupar os lugares de honra à mesa, deu-lhes este conselho: 8 “Quando você for convidado para um banquete de casamento, não ocupe o lugar de honra. E se chegar algum convidado mais importante que você? 9 O anfitrião virá e dirá: ‘Dê o seu lugar a esta pessoa’, e você, envergonhado, terá de sentar-se no último lugar da mesa. 10 “Em vez disso, ocupe o lugar menos importante à mesa. Assim, quando o anfitrião o vir, dirá: ‘Amigo, temos um lugar melhor para você!’. Então você será honrado diante de todos os convidados. 11 Pois os que se exaltam serão humilhados, e os que se humilham serão exaltados”.

12 Então Jesus se voltou para o anfitrião e disse: “Quando oferecer um banquete ou jantar, não convide amigos, irmãos, parentes e vizinhos ricos. Eles poderão retribuir o convite, e essa será sua única recompensa. 13 Em vez disso, convide os pobres, os aleijados, os mancos e os cegos. 14 Assim, na ressurreição dos justos, você será recompensado por ter convidado aqueles que não podiam lhe retribuir”.

Enquanto os fariseus estavam observando Jesus, Jesus os observava também.

Aqueles homens tão religiosos e criteriosos quanto ao aspecto externo de sua conduta, a ponto de se importarem mais com a observância das regras do Shabat, não conseguem enxergar o coração orgulhoso que tem! Eles não conseguiam ver a grande misericórdia de Jesus ao curar os enfermos nesse dia, apenas enxergavam a quebra da Lei. Ilustravam, pois, o ensino de Jesus em Mateus 7:3 “Por que você se preocupa com o cisco no olho de seu amigo enquanto há um tronco em seu próprio olho? 4 Como pode dizer a seu amigo: ‘Deixe-me ajudá-lo a tirar o cisco de seu olho’, se não consegue ver o tronco em seu próprio olho?”

Aos convivas, Jesus diz: 8 “Quando você for convidado para um banquete de casamento, não ocupe o lugar de honra. E se chegar algum convidado mais importante que você? 9 O anfitrião virá e dirá: ‘Dê o seu lugar a esta pessoa’, e você, envergonhado, terá de sentar-se no último lugar da mesa. 10 “Em vez disso, ocupe o lugar menos importante à mesa. Assim, quando o anfitrião o vir, dirá: ‘Amigo, temos um lugar melhor para você!’. Então você será honrado diante de todos os convidados. 11 Pois **os que se exaltam serão humilhados, e os que se humilham serão exaltados**”.

Muito mais do que uma regra de etiqueta social, o ensino de Jesus está repleto de revelação de como Deus enxerga e julga as disposições do coração.

O orgulho é muito mais do que uma falha de caráter. É um pecado.

Na raiz, o orgulho é a **tentativa humana de ocupar o lugar de Deus**. Alguns dizem que foi o pecado de Lúcifer (“Subirei ao céu... serei semelhante ao Altíssimo”, Is 14.13–14) e foi a isca do pecado de Adão (“sereis como Deus”, Gn 3.5).

Por isso o orgulho é, essencialmente, **idolatria de si mesmo**.

No contexto do banquete referido por Lucas, o orgulho se manifesta como autopromoção. O “primeiro lugar” nos baquetes era reservado a quem? A quem for mais especial, como Jesus diz. Buscar ocupar esse espaço diz, de forma simbólica, o que a pessoa acha de si mesma. Como Lucas continua falando sobre o reino de Deus, podemos fazer uma aplicação que os fariseus estavam querendo participar do banquete celestial nos primeiros assentos porque se achavam mais especiais que as outras pessoas, ou seja, tentavam conquistar um espaço de destaque no Reino por mérito.

O orgulho rejeita a graça. A teologia da graça é simples: **Deus dá, o homem recebe**.

A teologia do orgulho inverte isso: **o homem conquista, Deus recompensa**.

Por isso o orgulhoso não consegue aceitar o convite gratuito da ceia (vv.15–24) - ele quer ser o convidado “de honra”, não o mendigo da graça.

Por isso a salvação monergística é tão malvista por tantos! Não conseguem aceitar que não fizeram nada por merecer estar no banquete celestial.

Qual o remédio ao orgulho? A humildade!

Humildade não é baixa autoestima, nem comportamento tímido, mas sim uma visão correta de si mesmo diante da majestade de Deus. O humilde sabe que tudo o que tem é dom de Deus. Ele se coloca no último lugar por consciência: diante de Deus, todos somos dependentes da Sua misericórdia.

O nosso maior exemplo de humildade foi o próprio Cristo. Paulo disse em Filipenses 2:5-8: “Tenham a mesma atitude demonstrada por Cristo Jesus. Embora sendo Deus, não considerou que ser igual a Deus fosse algo a que devesse se apegar. Em vez disso, esvaziou a si mesmo; assumiu a posição de escravo e nasceu como ser humano. Quando veio em forma humana, humilhou-se e foi obediente até a morte, e morte de cruz.”

O orgulhoso confia na sua capacidade de produzir bons resultados (vive pela recompensa); a pessoa humilde não precisa disputar lugares, porque sabe que o dono da mesa sabe quem é quem.

A humildade é confiança: o humilde descansa na providência de Deus.

EM RESPOSTA AO ORGULHO FARISEU, A GRAÇA DE DEUS

15 Ao ouvir isso, um homem que estava à mesa com Jesus exclamou: “Feliz será aquele que participar do banquete no reino de Deus!”.

16 Jesus respondeu com a seguinte parábola: “Certo homem preparou um grande banquete e enviou muitos convites. 17 Quando estava tudo pronto, mandou seu servo dizer aos convidados: ‘Venham, o banquete está pronto’. 18 Mas todos eles deram desculpas. Um disse: ‘Acabei de comprar um campo e preciso inspecioná-lo. Peço que me desculpe’. 19 Outro disse: ‘Acabei de comprar cinco juntas de bois e quero experimentá-las. Sinto muito’. 20 Ainda outro disse: ‘Acabei de me casar e não posso ir’. 21 “O servo voltou e informou a seu senhor o que tinham dito. Ele ficou furioso e ordenou: ‘Vá depressa pelas ruas e becos da cidade e convide os pobres, os aleijados, os cegos e os mancos’. 22 Depois de cumprir essa ordem, o servo informou: ‘Ainda há lugar para mais gente’. 23 Então o senhor disse: ‘Vá pelas estradas do campo e junto às cercas entre as videiras e insista com todos que encontrar para que venham, de modo que minha casa fique cheia. 24 Pois nenhum dos que antes foram convidados provará do meu banquete’”.

Ainda bem que alguém falou o que foi dito no v.15!

Dentro do contexto da frase de Jesus sobre o banquete (aos convidados a exortação à humildade; ao hospedeiro a exortação sobre o tráfico de interesses).

Veja: Jesus fora convidado à mesa de um dos principais fariseus (v.1). Esses jantares não eram simples refeições; eram eventos sociais e religiosos, com status, prestígio e hierarquia (daí a disputa pelos lugares de honra).

A prática comum era convidar quem pudesse retribuir - amigos, parentes influentes, vizinhos ricos. Cada convite implicava um: “eu te convido hoje, tu me convidas amanhã”. Isto alimentava orgulho. Quem oferecia o melhor banquete? Ou seja, Jesus desmascara o mecanismo oculto do orgulho religioso: não se trata de amor, mas de troca. A generosidade dos fariseus não era graciosa, mas autopromoção mascarada de piedade.

A verdadeira bondade não contabiliza lucro, nem busca reconhecimento. Como Jesus disse em Mateus 6:1-4: “Quando deres esmola, não saiba a tua mão esquerda o que faz a direita”. Naquele mundo dos fariseus convidar os pobres, cegos e coxos para um jantar, com festa, um banquete, era inimaginável pois eles eram considerados impuros, indignos ou amaldiçoados por Deus (veja a reação dos religiosos com o cego de nascença em João 9 (Jo 9:34 “Você nasceu inteiramente pecador!”, disseram eles. “E quer ensinar a nós?” Então o expulsaram da sinagoga).

Ao falar desse banquete preparado e rejeitado pelos convidados, Jesus está antecipando o que o seu povo faria com o Messias enviado por Deus.

O banquete celestial fora preparado para os judeus e eles deram desculpas para não atender. Deus, o anfitrião do banquete do Reino, então decide convidar quem nada pode retribuir: os gentios, os pecadores, os miseráveis espirituais, pessoas que não tinham aos olhos dos judeus “crédito” diante Dele.

Deus convida, mas o orgulho dos fariseus os impede de aceitar (veja novamente a atitude deles no v.1: espreitavam como Jesus falharia com o Shabat).

Deus não desiste: convida a todos aqueles que jamais se imaginariam dignos de frequentar tal lugar. A parábola pode ser resumida assim:

1. O convite inicial (v. 16-17)

Um homem prepara uma grande ceia e chama muitos. Na hora de servir, manda seu servo avisar: “Vinde, porque tudo já está preparado.”

→ É figura de **Deus** oferecendo sua salvação por meio de **Cristo**, o servo fiel.

2. As desculpas dos convidados (vv. 18-20)

Todos recusam com pretextos: um comprou um campo, outro bois, outro acabou de casar.

→ As desculpas não são pecaminosas em si, mas revelam **corações indiferentes**, onde **as boas coisas deste mundo suplantam o maior bem** – a comunhão com Deus. Esses convidados representam **Israel e os religiosos autossuficientes**, os “amigos e vizinhos ricos” de 14.12.

3. A reação do anfitrião (v. 21)

O senhor se ira, mas transforma a ofensa em graça: “Sai depressa pelas ruas e becos... e traz os pobres, aleijados, cegos e coxos.”

→ É o retrato do **Deus que chama os desprezados** – pecadores, gentios, marginalizados – para ocupar os lugares rejeitados pelos orgulhosos.

4. O segundo envio (v. 23)

“Sai pelos caminhos e atalhos e obriga-os a entrar, para que a minha casa se encha.”

→ A missão se expande além dos muros de Israel. É o chamado **missionário da Igreja**: levar a graça aos confins da terra.

5. A sentença final (v. 24)

“Nenhum dos que foram convidados provará a minha ceia.”

→ Recusar o convite da graça é excluir-se do Reino.

Perguntas para reflexão:

1. “Eles o observavam atentamente.” (v.1): Você acha que tem mais um olho crítico quanto ao que os outros fazem ou um coração arrependido que enxerga seus próprios defeitos?

2. “Não te assentes no primeiro lugar.” (v.8): Normalmente você busca destaque ou deseja servir mesmo sem ser reconhecido?

3. “Convide os pobres, os coxos e os cegos.” (v.13): Seus atos de generosidade são interesseiros ou revelam graça verdadeira?

4. “Vinde, porque tudo está preparado.” (v.17): Você já aceitou o Convite ao arrependimento e fé ou vive dando desculpas inventadas? Você tem levado este convite a outras pessoas?